

TRADIÇÃO E RAZÃO À LUZ DO PENSAMENTO DE GADAMER TRADITION AND REASON IN LIGHT OF GADAMER'S THOUGHT

Romário dos Santos Silva¹

Prof. Dr. José Pedro Luchi²

RESUMO: Este trabalho examina a relação entre Razão e Tradição, investigando o pensamento de Hans-Georg Gadamer em sua abordagem hermenêutica. Inicialmente, contextualizamos o Iluminismo e o Romantismo, dois movimentos filosóficos influentes que moldaram perspectivas contrastantes sobre Razão e Tradição. Evidenciaremos as linhas de resoluções da questão proposta por Gadamer. Abordaremos também a crítica de Jürgen Habermas ao pensamento de Gadamer, sobre a tradição, demonstrando que ela está relacionada principalmente à compreensão da interpretação e ao papel do diálogo na busca por consenso crítico-racional. Em nossa análise, apresentaremos estudos baseados na obra Verdade e Método de Gadamer que ilustram como as ideias dele podem ser aplicadas na interpretação de obras literárias e filosóficas bem como no tratamento cultural e político com a tradição e sobretudo demonstrando que não há cisão irreconciliável entre Razão e Tradição. Por fim examinamos como as críticas de Habermas ressoam na interpretação dessas obras, bem como as respostas de Gadamer a essas críticas. E fazemos algumas reflexões pessoais sobre o tema.

Palavras – chave: Tradição; Razão; Hans-Georg Gadamer; Iluminismo; Romantismo, Jürgen Habermas; Interpretação; Hermenêutica.

ABSTRACT: This work examines the relationship between Reason and Tradition, exploring the thoughts of Hans-Georg Gadamer in his hermeneutic approach. Initially, we contextualize the Enlightenment and Romanticism, two influential philosophical movements that shaped contrasting perspectives on Reason and Tradition. We highlight the lines of resolution proposed by Gadamer to address this issue. We also delve into Jürgen Habermas's critique of Gadamer's thoughts on tradition, demonstrating that it is primarily related to understanding interpretation and the role of dialogue in the pursuit of critical-rational consensus. In our analysis, we present studies based on Gadamer's work "Truth and works, Method," illustrating how his ideas can be applied in the interpretation of literary and philosophical. works, as well as in the cultural and political treatment of tradition. Above all, we demonstrate that there is no irreconcilable rift between Reason and Tradition. Finally, we examine how Habermas's criticisms resonate in the interpretation of these works, along with Gadamer's responses to these critiques. We conclude with some personal reflections on the theme.

KEYWORDS: Tradition, reason, Hans-Georg Gadamer, Enlightenment, Romanticism, Jürgen Habermas, Interpretation, Hermeneutics.

¹Graduando do curso Bacharelado em Filosofia do Centro Universitário Salesiano de Vitória. Email:romariobelmontt@gmail.com

² Graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Montes Claros (1979), graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1985), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1989) e Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1999). Professor de centro Universitário Salesiano de Vitória (UniSales). Email: luchi-jp@hotmail.com

2 INTRODUÇÃO

Hans-Georg Gadamer foi um filósofo alemão nascido em 1900 e falecido em 2002. Ele é conhecido principalmente por sua obra *Verdade e Método*, publicada em 1960. (STEIN 2011, p. 19). Gadamer foi um dos principais expoentes da filosofia hermenêutica, que se concentra na interpretação de textos e na compreensão mútua. Para este filósofo, a tradição desempenha um papel crucial na forma como entendemos o mundo. O presente trabalho tenta refletir sobre o conceito de tradição na hermenêutica filosófica de Gadamer. Trata-se de compreender: O que Gadamer, em sua teoria hermenêutica, compreende e defende sobre a relação entre tradição e razão? O intuito é mostrar a centralidade que adquire o conceito de tradição e como ele é pensado na sua relação com a historicidade do círculo da compreensão.

A tradição em Gadamer constitui um elemento essencial para a fundamentação de sua ontologia hermenêutica. Além disso, na sua visão não é possível entender a própria racionalidade humana isolada da tradição na qual ela está inserida e que, assim sendo, ela determina historicamente nosso modo de acesso ao mundo. A reabilitação da tradição para Gadamer é a tentativa de resgatar o valor dela para todo processo de compreensão e, por esta razão, é necessário criticar o Iluminismo como aquele que opõe razão e tradição, como se a primeira pudesse dispensar a segunda. A razão desempenha um papel crítico nesse diálogo, permitindo que o intérprete avalie, questione e reflita sobre a tradição na qual está inserido. Através do uso da razão, é possível ampliar e enriquecer nossa compreensão, questionando suposições prévias e buscando uma visão mais abrangente e objetiva.

Assim, para Gadamer, a tradição e a razão são inseparáveis no processo de compreensão. A tradição fornece o contexto e os recursos herdados que nos permitem interpretar, enquanto a razão nos capacita a questionar e a transcender limitações da tradição. A verdadeira compreensão, segundo Gadamer, surge desse diálogo constante entre tradição e razão, em que o intérprete se torna consciente das influências de sua própria tradição e busca uma compreensão mais ampla e aprofundada por meio do uso crítico da razão.

2.1 RAZÃO E TRADIÇÃO NA VISÃO ILUMINISTA

René Descartes e o Iluminismo descartaram completamente o valor da tradição, segundo representantes da hermenêutica filosófica. Segundo Chris Lawn, Descartes através do Discurso do Método “inaugura um movimento sísmico na legitimidade; uma mudança de paradigma da autoridade de textos para a autoridade da razão” (LAWN. 2011, p. 49.). A razão em Descartes é a única que pode determinar a verdade: todo saber escolástico e de textos antigos, toda tradição, é vista como algo obscuro, sem sentido e sem valor.

O Iluminismo, que foi um movimento filosófico, que se desenvolveu particularmente na França, Alemanha e Inglaterra no século XVIII, caracterizava-se principalmente pela defesa da ciência e da “racionalidade crítica, contra a fé, a superstição e o dogma religioso” (JAPIASSÚ, 1996, p. 20, *Verbete Aufklärung*) Ou seja, o Iluminismo se posicionava também contra qualquer tipo de tradição. Este movimento defende uma autonomia absoluta da razão e dessa forma conduziu a um desprezo pela tradição. Kant definiu o Iluminismo como aquilo que permite ao homem sair de sua menoridade, ensinando-lhe a pensar por si mesmo e a não depender de decisões de outro: “tem coragem de te servires de teu próprio entendimento” (KANT, Edições 70, Lisboa, 1995, p. 11.)

A afirmação de que o Iluminismo se baseia em mais de uma razão já implica a existência de múltiplas razões, pois haveria pelo menos uma que não é Iluminismo. Existe, por exemplo, uma razão de iluminação e uma razão complexa? Existe uma explicação moderna que seja totalmente diferente das razões antigas e pós-modernas? Se respondermos negativamente, afirmaremos que não existe uma razão única, mas sim uma pluralidade delas. As mudanças na sociedade estão intimamente associadas às mudanças na razão. Para GRANGER, o conceito de razão limita-se à lógica e ignora o contexto social que o causa. Para ele, compreender o significado da razão requer contexto.

Mas seria inútil tentar descrever as operações lógicas de um pensamento racional isolando-as radicalmente do contexto das estruturas e funções sociais que lhes servem de apoio. Não chegaríamos a compreender verdadeiramente o que é para nós a razão se nos limitássemos a restituir uma lógica; é necessária uma sociologia da razão. (GRANGER, 1985: 12)

Para além da variedade de definições de razão e de propostas para a sua utilização, de acordo com o contexto em que é concebida, Granger centra-se no facto de o termo evocar múltiplas definições. Ao falar de razões, podemos invocar um ideal, um método ou uma atitude. No entanto, pode-se dar um parecer de que, a razão, apesar das várias formas assumidas ao longo da história, permanece, em suas características fundamentais, a mesma. Segundo GRANGER "... a idéia de uma explicação racional depende do contexto histórico em geral e, em particular, do estado das técnicas de observação, experimentação e da combinação de idéias abstratas relativamente ao grupo de fenômenos em questão." (GRANGER: 1985: 77-78)

A concepção iluminista da razão originou-se como uma resposta à luta contra diversas manifestações de obscurantismo e opressão. Enquanto a Igreja reivindicava a prerrogativa de instruir sobre a criação do mundo e orientar sobre como viver neste universo criado, a filosofia transferia essa missão para os seres humanos, destacando, em particular, o papel crucial da razão humana nesse empreendimento.

Assim, a Igreja defendia a capacidade, o direito e o dever de ensinar as pessoas como o mundo havia sido criado, qual a sua finalidade e como deveriam se comportar; também a filosofia defendia a capacidade, o direito e o dever da mente de descobrir a natureza das coisas e derivar desta compreensão os modos corretos da atividade humana. (MATOS, 1997: 124).

Mas a defesa iluminista da razão universal impediu que a razão universal se manifestasse através da força ou de algum outro meio impressionante, como fez a Igreja. A luta contra o obscurantismo e a opressão faz com que a razão tome o partido do diálogo. "Se a força é o principal auxiliar do obscurantismo, a discussão faz nascer a luz. Crença na razão e confiança no homem resultam na liberdade de pensamento." (MATOS, 1997:124). Significa dizer que, a crítica, que inicialmente se configura como a denúncia do conhecimento questionável gerado pela Igreja Católica, expande-se para abranger não apenas o campo do conhecimento científico, mas também assume uma dimensão política. Essa crítica não se limita às ciências, transformando-se em uma avaliação que transcende para o âmbito político. Sua relevância é notável, pois estabelece um novo alicerce para os critérios de valoração. Este elemento desempenha um papel crucial na caracterização do movimento iluminista.

Ao contrário das tradições estabelecidas, os pensadores iluministas muitas vezes assumiram posições provocativas, enfatizando a importância da razão, da ciência e do progresso. Os iluministas viam a tradição como uma possível fonte de obscurantismo e autoritarismo. Ao invés de aceitar acriticamente as práticas e crenças transmitidas ao longo das gerações, eles buscavam questionar e analisar cada

aspecto da sociedade à luz da razão. A tradição, muitas vezes associada à influência da igreja e da monarquia, era vista como um obstáculo à busca do conhecimento objetivo e à criação de sociedades mais justas e igualitárias. Como já infatizado, nesse contexto, a ênfase na razão e na empiria implicava uma rejeição das superstições e dogmas que, frequentemente, eram sustentados pela tradição. A crítica iluminista à tradição estendia-se ao domínio político, onde sistemas monárquicos e aristocráticos eram frequentemente questionados em prol de ideias mais democráticas. Conforme observa Mousnier,

como o século das luzes, o pensamento do filósofo se transforma, de maneira a começar a ser menos teólogo, menos erudito, e cada vez mais um homem íntegro que se mantém na corrente de avanço das ciências, toma parte em todas as disputas, se apaixona pelas questões da teoria política (Diderot, Montesquieu) e pela ação (Voltaire) e, sobre tudo, se converte em homem das letras, a filosofia que se segue, se expressa mediante contos, obras de teatro (Voltaire, Diderot, Lessing) e novelas (Rousseau) (MOUSNIER; LABROUSSE, 1995, p. 29)

No entanto, é crucial reconhecer que, apesar da sua atitude crítica em relação à tradição, o Iluminismo não procurou ignorar completamente o passado. Em vez disso, defenderam uma reconsideração das práticas e instituições tradicionais que manteriam as práticas que eram racionais e contribuíam para o avanço da sociedade. Em suma, o conceito de tradição no Iluminismo era ambivalente, possuía um caráter crítico e seletivo. O Iluminismo procurou um compromisso entre preservar o que era considerado importante e ignorar o que, através do uso da razão, parecia perpetuar o sofrimento e o conhecimento.

Gadamer por sua vez, explora a ideia de que, sob a perspectiva do iluminismo, os preconceitos podem ser categorizados como gerados pelo respeito humano ou pela precipitação. Essa distinção tem suas raízes na origem dos preconceitos e na visão das pessoas que os adotam. Em outras palavras, a fonte de nossos equívocos está relacionada ao respeito pelos outros e sua autoridade, ou à precipitação dentro de nós mesmos. O Iluminismo critica a tradição escrita, incluindo a Sagrada Escritura, tratando-as como qualquer outra informação histórica. De acordo com esse movimento, tais tradições não têm valor intrínseco; em vez disso, sua validade depende da credibilidade atribuída pela razão. Assim, a tradição já não detém a última palavra em autoridade; é a razão que se torna a fonte primordial. O que está registrado não é automaticamente considerado verdadeiro, sendo necessário que a razão o endosse para conferir-lhe veracidade.

No entanto, é a partir dessa supervalorização da razão, no que diz respeito a todo tipo de menosprezo, que se fez acerca da tradição que Gadamer inicia a sua crítica, pois não vê nenhum tipo de contradição entre tradição e razão: "Parece-me, no entanto, que entre a tradição e a razão não existe nenhuma oposição". E ainda "[...] encontramos-nos sempre inseridos na tradição [...]". Sem dúvida, não conseguimos escapar da tradição, pois estamos irremediavelmente inseridos nela. E por encontramos-nos sempre inseridos na tradição, temos que considerar que somos sempre o produto e herdeiros dessa tradição. (GADAMER p. 373, 374)

Gadamer também afirma que "A tradição é essencialmente conservação, e como tal, sempre está atuante nas mudanças históricas" GADAMER, p. 373. E ainda, "A verdade não é a soma das opiniões individuais, mas a comunicação viva da tradição." (GADAMER, p. 374) O pensador argumenta que o "pré-conceito" não deve ser encarado como algo simplesmente a ser aceito ou rejeitado, mas sim como uma abordagem em relação ao que nos é apresentado. Pode envolver um julgamento tanto positivo quanto negativo. Tornou-se impossível permanecer indiferente em relação ao

preconceito, pois sua influência é significativa em nossas ações e na forma como percebemos o mundo ao nosso redor. O autor sugere que devemos fazer uso consciente do preconceito, seja em contextos religiosos, étnicos, raciais, sociais ou econômicos. Ele advoga pela adoção de um "pré-conceito responsável", uma compreensão hermenêutica positiva que utiliza a tradição e o conhecimento prévio como fundamentos investigativos diante da incerteza. Em vez de simplesmente descartar o preconceito, a abordagem recomendada é integrá-lo de maneira informada e reflexiva em nosso modo de compreender o mundo.

2.2 RAZÃO E TRADIÇÃO NA VISÃO ROMÂNTICA

O espírito do movimento romântico manifestou-se na Alemanha por volta do ano 1800, depois espalhou-se pela Inglaterra e, por volta do ano 1820, pela França. Posteriormente, passou a fazer parte do movimento literário conhecido como Iluminismo francês, afirmado por Otto Maria Carpeaux (1987, p. 157). Este romantismo comum na Europa e na América tem várias expressões e formas. Hauser por sua vez, nos traz algumas características fortes do Romantismo:

A evasão para a utopia e os contos de fadas, para o inconsciente e o fantástico, o sobrenatural e o misterioso, [...] a natureza, os sonhos e a loucura, tudo isso eram formas disfarçadas e mais ou menos sublimadas do mesmo sentimento, do mesmo anseio de irresponsabilidade e de uma vida livre de sofrimento e frustração [...]. Uma nostalgia do lar e uma nostalgia do que está muito remoto — são esses os sentimentos que dilaceram os românticos; deixam escapar o que têm à mão, sofrem com seu isolamento dos homens, mas, ao mesmo tempo, evitam os outros homens e buscam fervorosamente o remoto, o exótico e o desconhecido (HAUSER, 1995, p. 673-674).

Podemos dizer que em suma, é para além do real que se dirigem os desejos do romântico, que carece de qualquer ligação à realidade através da razão, como é o caso do Romantismo durante o seu surgimento. Isso também se contrasta com o Classicismo já existente. Ou seja, sua atitude é ambígua, às vezes eleva a situação, às vezes despreza o mundo real, mas nunca o considera semelhante a ele. Este conflito exprime-se da mesma forma na consciência histórica de uma questão contínua sobre o significado do presente. A visão romântica do mundo é que estamos envolvidos numa transição perpétua, num conflito infinito com o mundo real, e esta informação tem um impacto significativo na nossa compreensão da situação nestes tempos modernos.

[...] a corrupção das virtudes tradicionais, o poeta romântico afasta-se da realidade objetiva, que não pode aceitar, refugia-se no reino da imaginação, onde constrói um mundo utópico por que anseia. Esta forma de protesto passivo, evasão romântica, manifesta-se ora por um retorno ao mundo medieval onde o poeta parece redescobrir a unidade e a harmonia que o presente, ora na fuga para ambientes exóticos, como as regiões do oriente — a substituírem pela sedução do mistério e o paisagismo da realidade imediata — ora na entrega a outras construções imaginativas. CAEIRO, 1967, p. 222.

De fato, é notável que o Romantismo foi um movimento cultural, artístico e ideológico. Ele representou uma reação contra os ideais do Iluminismo, que valorizava a razão, a ciência e a ordem. Em contraste, os românticos enfatizavam a emoção, a individualidade, a natureza e a expressão pessoal. O Romantismo nasce a partir do momento em que "surgiram dúvidas sobre se o iluminismo, a razão e a ciência estão, em absoluto, em condições de preencher o lugar no sistema que antes ocupavam os mitos e agora ficou vazio pela crítica deles. Certo é que o mundo ilustrado é um mundo desmitificado.

Durante o período romântico, a perspectiva em relação à tradição era ambivalente e composta por abordagens diferentes e individualizadas, que abordavam o tema de diversas maneiras. Normalmente, está presente uma tensão entre a apreciação da tradição como fonte de inspiração e autenticidade e uma tendência romântica para a originalidade e a ruptura com as convenções estabelecidas. Diante disso podemos constatar que em relação a tradição há dois pontos de vistas no contexto romântico. Alguns românticos consideravam a tradição um rico recurso de significado, associação com tradições culturais e autenticidade. Buscavam inspiração nas histórias, lendas e mitos do passado, tradições essas que eram consideradas a representação mais genuína do espírito de um povo. A valorização da tradição foi muitas vezes expressa na busca de componentes históricos e culturais que pudessem ser usados para inspirar a arte e a literatura.

Por outro lado, como já mencionado, muitos românticos também tentaram desviar-se das tradições estabelecidas, questionando os padrões literários e artísticos do passado. Tentaram criar projetos originais e expressar a sua filosofia artística individual, ignorando muitas vezes as regras formais da tradição. Originalidade e inovação foram consideradas fundamentais para expressar a individualidade no sentido romântico.

Por fim, a crítica romântica do Iluminismo concentrou-se principalmente na rejeição dos valores racionais e objetivos defendidos pelo Iluminismo. Como bem sabemos, o Iluminismo valorizava a razão, a ciência e uma ordem social baseada na lógica, enquanto o Romantismo expressava apoio à subjetividade, à emoção e à individualidade. Os românticos rejeitaram a abordagem "mecânica" e prática da sociedade defendida pelo Iluminismo; em vez disso, defenderam uma abordagem mais humana e emocional da sociedade. Eles também questionaram a ênfase excessiva na lógica, afirmando que ela simplificava a complexidade da experiência humana.

Se por uma parte os românticos radicalizam e, inevitavelmente, pervertem o ideal kantiano e iluminista de "autonomia da razão", interpretando mais "subjetivamente" a noção de "autonomia" e colocando em questão o universalismo da "razão". Por outra parte, seu objetivo primordial é evitar que a razão isole "o homem de sua própria experiência individual e [pretenda] estabelecer leis universais para todos os homens em sua condição humana de qualquer tempo ou lugar". (BERLIN, 1997, P.166)

Porém se nele está assegurada a sobrevivência do homem, parece que não pode satisfazer a necessidade de sentido e de amparo que este sente. Por isso se produz a rebelião do Romantismo contra o Iluminismo. Os românticos, com um gesto quase altivo proclamam contra a ilustração que nem tudo o que não passa pelo controle da razão é um engano. Além disso, os românticos muitas vezes negaram o conceito de Iluminismo como uma solução única para todas as questões sociais; em vez disso, destacaram a perda de conexão com a natureza e a espiritualidade na busca constante pelo avanço tecnológico e científico. Ou seja, Como resultado, é evidente que a crítica da razão do Romantismo no Iluminismo pretendia manter uma proporcionalidade, reconhecendo o valor da razão, mas também valorizando a complexidade emocional e a experiência individual. Em última análise, o romantismo tentou restabelecer uma relação proporcional entre emoção e razão, ao mesmo tempo que valorizou a singularidade e a complexidade da experiência humana.

Se para o Aufklärung, é coisa certa que toda tradição que se revela ante a razão como impossível ou absurda, só pode ser entendida como histórica, isto é, retrocedendo às formas de representação do passado, a consciência histórica, que aparece com o romantismo, representa uma radicalização do Aufklärung. Pois para a consciência histórica o caso excepcional de uma

tradição contrária à razão se converte numa situação comum. GADAMER. p.444)

Gadamer, por sua vez, apresenta uma interpretação peculiar do romantismo ao incorporá-lo em sua filosofia da compreensão. Para Gadamer, o romantismo não é apenas um capítulo na história cultural, mas uma postura fundamental em relação à interpretação e à compreensão. Ele não apenas examina o romantismo como um movimento específico, mas como uma abordagem persistente que molda nossa percepção do mundo e a construção de significado. Gadamer destaca que, em sua visão, o romantismo se caracteriza pela ênfase na subjetividade, intuição e expressão artística. Ele reconhece a importância do individualismo romântico, destacando como os românticos deram destaque à experiência pessoal e à subjetividade na busca de significado. Contudo, Gadamer não adere a uma interpretação estritamente subjetiva do romantismo. Argumenta que a compreensão não é uma atividade isolada e subjetiva, mas sim moldada pela tradição e pela linguagem, elementos centrais em sua filosofia hermenêutica.

As grandes produções do romantismo, o redespertar dos tempos primitivos, o acolher a voz dos povos em suas canções, a coleção de contos e sagas, o cultivo dos usos mais antigos, a descoberta das línguas como concepções do mundo, o estudo da "religião e da sabedoria dos índios", tudo isso desencadeou uma investigação histórica que foi convertendo, pouco a pouco, passo a passo, esse redespertar intuitivo num conhecimento histórico distanciado. (GADAMER, p. 413)

Ao integrar o romantismo em sua abordagem hermenêutica, Gadamer realça a dimensão dialógica da interpretação. Ele percebe a compreensão como um diálogo entre o leitor e o texto, entre o intérprete e a tradição. Dessa maneira, Gadamer reconhece o legado romântico na valorização da interpretação como um processo dinâmico, influenciado pela interação entre horizontes culturais e históricos. Sua abordagem hermenêutica busca transcender as dicotomias entre subjetividade e objetividade, incorporando elementos românticos para uma compreensão mais abrangente da experiência humana.

Gadamer, apresenta críticas ao romantismo, ele argumenta que o romantismo, ao enfatizar a subjetividade e a expressão individual, muitas vezes negligencia a importância da tradição e da compreensão histórica. Para Gadamer, a ênfase excessiva na originalidade e na subjetividade romântica pode levar a uma visão limitada do conhecimento, ignorando a influência da cultura e do diálogo intergeracional na formação do entendimento. Ele destaca a necessidade de incorporar a tradição e reconhecer a historicidade para uma compreensão mais rica e autêntica do significado.

O engate da escola histórica no romantismo confirma, assim, que a própria repetição romântica do originário se assenta sobre o solo do Aufklärung. O fato de que a atitude restauradora do romantismo tivesse podido unir-se ao interesse básico do Aufklärung na unidade produtiva das ciências históricas do espírito, expressa tão-somente que o que subjaz a ambas é uma e mesma ruptura com a continuidade de sentido da tradição. (GADAMER P. 414)

Gadamer, critica a tendência romântica de idealizar o passado, destacando que essa abordagem pode levar a uma interpretação distorcida da história. Ele argumenta que a compreensão autêntica exige um diálogo crítico com a tradição, reconhecendo tanto os aspectos positivos quanto os limites das épocas passadas. Para Gadamer, a hermenêutica deve transcender a visão romântica e abraçar uma abordagem mais dinâmica, onde o entendimento é moldado pela interação constante entre o presente e o passado. Essa crítica gadameriana ao romantismo busca promover uma compreensão mais equilibrada e contextualizada da experiência humana.

Por fim, o fato é que Gadamer compartilha algumas preocupações com outros filósofos críticos ao romantismo, especialmente no que diz respeito à ênfase excessiva na subjetividade e na autonomia individual. Gadamer por sua vez, destaca a importância da tradição e da fusão dialética entre o horizonte do leitor e o horizonte do texto para uma compreensão mais completa. É essencial notar que Gadamer e outros filósofos hermenêuticos podem ser vistos como reagindo às tendências românticas, promovendo uma abordagem mais contextualizada e dialogal na interpretação.

2.3 TENTATIVA DE SÍNTESE DE GADAMER

No entanto, é a partir dessa supervalorização da razão, no que diz respeito a todo o tipo de menosprezo que se fez acerca da tradição que Gadamer inicia a sua crítica, pois não vê nenhum tipo de contradição entre tradição e razão: “Parece-me, no entanto, que entre a tradição e a razão não existe nenhuma oposição”. (GADAMER, 2011, p. 373) E ainda “encontramo-nos sempre inseridos na tradição” (GADAMER, p. 374.). Sem dúvida, não conseguimos escapar da tradição, pois estamos irremediavelmente inseridos nela. E por encontramo-nos sempre inseridos na tradição, temos que considerar que somos sempre o produto e herdeiros dessa tradição. Mas se pode questionar, em que consiste a tradição em Gadamer? Enfrentado a uma tal questão, Gadamer responde:

É isso, precisamente, que denominamos tradição: ter validade sem precisar de fundamentação, é nossa dívida para com o romantismo é justamente essa correção da Aufklärung, no sentido de reconhecer que, ao lado dos fundamentos da razão, a tradição conserva algum direito e determina amplamente nossas instituições e comportamentos. (GADAMER, p. 372).

Nesse sentido, para Gadamer, os fundamentos racionais não são os únicos que dão validade às nossas instituições e ações sociais. A tradição tem e tem o direito de justificar comportamentos institucionais (incluindo filosóficos), como aconteceu com o Romantismo. Gadamer também afirma que “A tradição é essencialmente conservação, e como tal, sempre está atuante nas mudanças históricas” (GADAMER, p. 373.), assim sendo, a tradição se constitui e modifica historicamente. Eis aqui, um primeiro sentido do conceito de tradição para Gadamer, isto é: ter validade sem precisar de fundamentação ou, melhor, que a tradição tem uma função de validade para além da fundamentação racional.

Segundo o raciocínio de Chris Lawn, o método herdado de Descartes e fazendo pleno uso da razão não pode nos separar da tradição, como se em determinado momento fizéssemos parte de outro mundo, promovidos em outro reino, como se tivéssemos chegado ao mundo inteligível de Platão, deixando para trás a caverna (tradição) representada por diversos dogmas, preconceitos e obscurantismos. Não é dessa forma, pois: “A tradição não é simplesmente um processo que a experiência nos ensina saber e governar, é linguagem” (LAWN p. 55.). Portanto como diz Lawn:

[...] ignorar a tradição como um oposto da razão é ignorar que a razão pode, em si, ser uma característica da tradição. A ideia de transformar a tradição em objeto de investigação sugere, erroneamente, que existe um espaço conceitual e crítico a ser encontrado fora da tradição, um ponto arquimediano a partir do qual acessamos a racionalidade das atividades tradicionais (LAWN, p. 55.)

Ao questionar os pressupostos de todo o legado cartesiano e iluminista, Gadamer nos faz refletir sobre o fato de que não podemos ignorar as verdades contidas nas nossas tradições culturais compartilhadas. Estas verdades não estão escondidas no exercício da própria razão, pois a razão está enraizada no coração da tradição. As causas são

o resultado da construção cultural, e esta construção cultural só pode ocorrer dentro de uma tradição. A razão é um produto da tradição. Estudar o conceito de tradição é, portanto, tentar compreender como Gadamer reconstrói a importância e o valor da tradição, apesar dos exageros racionalistas herdados de Descartes e dos pensadores iluministas. O Iluminismo (Aufklärung) passou a utilizar a palavra preconceito apenas como caracterização de julgamentos infundados, ou seja, assumiu um caráter negativo, pejorativo no sentido da palavra. Essa característica está associada a textos sagrados, ensinamentos religiosos e eclesiásticos que, segundo o Iluminismo, não propõem julgamentos baseados no método, ou seja, não podem ser baseados na razão. Porém, segundo Gadamer, ao pensar dessa forma, o Iluminismo estabeleceu o que ele chama de preconceito contra o próprio preconceito. “Há, com efeito, também um preconceito da Aufklärung que suporta e determina sua essência: é o preconceito contra os preconceitos em geral e, com isso, a despotenciação da tradição” (GADAMER, 1997 p. 360) que teve o efeito de negar o valor do preconceito e, ao negar o preconceito, negou também o valor da própria tradição. O autor de “*Verdade e Método*” nos mostra que quando o Iluminismo assume apenas intenções racionais, obriga o sujeito pensante a eliminar todo tipo de preconceito para que possa pensar por si mesmo e assim adquirir conhecimento confiável e seguro. Nesse sentido, para Gadamer, a máxima de Kant: “Tenha a coragem de usar seu próprio entendimento” (Kant, p. 11) resumia bem o espírito do Iluminismo. Ou seja, é a razão, a única medida que determina se algo é verdadeiro ou falso, se tem valor. Ora, a fonte de toda autoridade é a razão, não a tradição, como disse Gadamer: Seja como for, a tendência geral da Aufklärung é não deixar valer autoridade alguma e decidir tudo diante do tribunal da razão. Assim, a tradição escrita, a Sagrada Escritura, como qualquer outra informação histórica, não pode valer por si mesma. Antes, a possibilidade de que a tradição seja verdade depende da credibilidade que a razão lhe concede. A fonte última de toda autoridade já não é a tradição, mas a razão. O que está escrito não precisa ser verdade. Nós podemos sabê-lo melhor.

Essa é a máxima geral com a qual Aufklärung moderna enfrenta a tradição, e em virtude da qual acaba ela mesma convertendo-se em investigação histórica. (Gadamer. 1997 p 363). No parágrafo supracitado evidencia-se que Gadamer critica o ideal do iluminismo, pois esse movimento está na gênese do desprezo que se faz a partir daí à tradição. Portanto, notamos que o ideal da Aufklärung era livrar os homens de sua minoridade e conduzi-los a sua maioridade, onde somente a razão governa de forma soberana, mas o custo foi o desprezo e desvalorização do conceito de tradição que pagamos até hoje.

O movimento filosófico iluminista esqueceu que somos sujeitos históricos, e como sujeitos históricos precisamos sempre ser capazes de olhar para o nosso passado para podermos compreender o presente em que vivemos. Gadamer percebeu essa contradição do movimento iluminista propondo uma outra leitura dessa questão quando diz que: “entre tradição e a razão não existe nenhuma oposição” (GADAMER, p. 373.).

Não existe, porque como afirma o mesmo autor, estamos sempre inseridos na tradição. E por encontramo-nos sempre inseridos na tradição, temos que considerar que somos sempre herdeiros e frutos dessa mesma tradição. A razão não consegue por si mesma apagar as heranças, preconceitos e marcas de nosso passado. A tradição é para Gadamer um elemento fundamental para a construção de sua hermenêutica filosófica, pois: “A tradição é essencialmente conservação e como tal sempre está atuante nas mudanças históricas” (GADAMER, p. 373.) ou, em outras palavras, que a tradição é histórica e, conseqüentemente, sujeita as mudanças da história e do tempo.

Não existiria nenhuma possibilidade de diálogo com o passado nem com o presente se desprezásemos o valor da tradição, somos “seres hermenêuticos dentro da tradição” (LAWN, p. 63.). É isso que Gadamer defende, essa possibilidade que temos de dialogar com a tradição. Podemos dizer, com isso, que sem o reconhecimento do valor da tradição não existiria possibilidade de diálogo para uma hermenêutica filosófica e nem sequer para outra filosofia. Quando o Iluminismo desprezou o valor da tradição, estava na realidade desprezando o próprio uso da palavra razão, que sempre nasce no seio de uma tradição cultural comum, e ao fazer isso estava também menosprezando a própria identidade cultural de um dado momento histórico. O que é conservado é conservado racionalmente.

2.4 CRÍTICA DE HABERMAS A GADAMER

Jürgen Habermas é um renomado filósofo e sociólogo alemão, nascido em 18 de junho de 1929. Ele é considerado um dos principais pensadores contemporâneos e desempenhou um papel significativo no desenvolvimento da teoria crítica e da filosofia política. Habermas é associado à Escola de Frankfurt, um grupo de intelectuais que influenciou profundamente a teoria crítica. Seu trabalho abrange uma variedade de temas, incluindo a natureza da racionalidade, a esfera pública, a ética discursiva e a teoria da ação comunicativa. A ética discursiva de Habermas destaca-se como uma abordagem moral que enfatiza o diálogo e a comunicação racional como base para a formação de normas éticas. Ele também explorou questões relacionadas à democracia, propondo ideias sobre como garantir a participação igualitária e a deliberação pública na esfera política.

A teoria da racionalidade de Habermas está ligada a uma prática da argumentação, que é uma opção quando não há consenso, capaz de produzir entendimento, sem apelar para o uso da força ou ação estratégica. A argumentação constitui um importante processo de aprendizagem, pois a racionalidade submetida à crítica pode ser melhorada, identificando-se os erros e os corrigindo. A racionalidade comunicativa aponta para a argumentação quando não se pode ou não se consegue resolver uma situação através da comunicação corriqueira. Seu objetivo é alcançar entendimento, através do consenso. Para que haja entendimento, não pode haver coerção, somente o convencimento motivado pela razão pode ser utilizado. (HAGINO 2013. p. 2539.)

Para Habermas, a tradição não é vista como algo intrinsecamente valioso, mas sim como algo que deve ser submetido a um exame crítico constante, a fim de discernir quais elementos podem contribuir para a emancipação e a justiça, e quais devem ser questionados e modificados. Ele controla por sua vez uma visão crítica da tradição e aborda essa questão em sua filosofia, especialmente em relação à hermenêutica e à interpretação. Para Habermas, a tradição não é vista de forma positiva como em algumas correntes do pensamento, sobretudo no pensar de Gadamer. Habermas olha a tradição como um elemento que tem sua importância, porém deve ser analisada criticamente em termos do seu potencial emancipatório e da sua capacidade de moldar a compreensão e a ação humanas. Habermas (1987, 2012) vai dizer que precisamos da hermenêutica e que ela avançou muito, porém, para o frankfurtiano não podemos tê-la como fim em si, ela precisa da dialética, da crítica das ideologias. Ou seja, Habermas não aceita a pretensão de universalidade da hermenêutica.

Habermas se destaca por sua crítica à tradição romântica e suas visões sobre a modernidade. Ele argumenta que o Romantismo, com sua ênfase na subjetividade, na emoção e na rejeição das estruturas racionais e instituições sociais, contribuiu para uma esfera pública fragmentada e enfraquecida. Em sua obra, ele destaca que o Romantismo teve um papel na formação de uma esfera pública "burguesa" que estava mais preocupada com a expressão individual do que com o debate racional. Habermas

defende a ideia de uma esfera pública racional e argumentativa na qual o diálogo público e a comunicação desempenham um papel central na tomada de decisões políticas e na formação da opinião pública. Ele vê o Romantismo como um movimento que contribuiu para a subjetividade e a privatização, em detrimento da comunicação pública racional.

Habermas critica a tradição quando ela é utilizada para perpetuar desigualdades, preconceitos ou injustiças. Ele está preocupado com o papel que a tradição desempenha na manutenção de estruturas de poder e na legitimação de normas sociais injustas. Portanto, ele defende uma abordagem crítica à tradição, na qual a interpretação crítica e o questionamento das tradições existentes são fundamentais para promover uma sociedade mais justa. Habermas critica a solução apresentada por Gadamer sobre a tradição, para ele a tradição está relacionada principalmente à compreensão da interpretação e ao papel do diálogo na busca por consenso racional. Habermas é conhecido por sua teoria da ação comunicativa, que enfatiza a importância da argumentação racional e do entendimento mútuo na busca pela verdade. Gadamer, por outro lado, propõe uma abordagem hermenêutica que enfatiza a fusão de horizontes entre o intérprete e o texto, e destaca a importância da tradição na interpretação. Ele argumenta que nossa compreensão do mundo é sempre moldada pela tradição e que não podemos nos libertar completamente das pré-compreensões históricas e culturais.

linguagem também é medium de dominação e poder social. Ela serve à legitimação de relações de violência (Gewalt) organizada. Na medida em que as legitimações não manifestam a relação de violência, cuja institucionalização possibilitam, e na medida em que isso apenas se exprime nas legitimações, a linguagem também é ideológica. (...) A experiência hermenêutica que topa com uma tal dependência do contexto simbólico com referência às relações fáticas passa a ser crítica da ideologia (HABERMAS, p. 49, 2004).

Habermas destaca que a ênfase de Gadamer na fusão de horizontes e na importância da tradição pode levar a uma valorização excessiva desses elementos em detrimento da razão e do diálogo crítico. Ele acredita que a verdade não é alcançada por meio da simples aceitação passiva da tradição e da fusão de horizontes pré-determinados, mas sim por meio de um processo discursivo em que as pretensões de validade são submetidas a um exame crítico. Habermas argumenta que Gadamer não oferece uma solução satisfatória para o problema da distorção histórica e cultural na interpretação. Ele está preocupado com a possibilidade de que a tradição possa perpetuar preconceitos e ideologias, e, portanto, acredita que é crucial submeter as interpretações a um escrutínio crítico a fim de identificar e superar distorções. Habermas enfatiza que a tradição, se aceita acriticamente, pode ser opressiva e limitar a liberdade de pensamento crítico, tornando crucial o processo contínuo de questionamento e exame crítico das normas estabelecidas pela tradição.

Não foi minha intenção desenvolver uma “doutrina da arte do compreender” como pretendia ser a hermenêutica mais antiga, não pretendia desenvolver um sistema de regras artificiais, que conseguissem descrever o procedimento metodológico das ciências do espírito, ou até guiá-lo. [...] Minha intenção verdadeira, porém, foi e é uma intenção filosófica: o que está em questão não é o que nós fazemos, o que nós deveríamos fazer, mas o que, ultrapassando nosso querer e fazer, nos sobrevém, ou nos acontece (GADAMER, 1999, p.14).

É notável, que Gadamer tenta apresentar uma novidade em seu pensamento. Em primeiro lugar, a abordagem não busca estabelecer um conjunto fixo de regras, sejam elas mais ou menos artificiais, destinadas a orientar as interpretações. Em vez disso, o objetivo declarado é compreender o que ocorre ou nos impacta quando

estamos envolvidos no processo de interpretação. O círculo hermenêutico de Gadamer se concentra na questão que parte da pré-compreensão em direção à compreensão. Nesse sentido, elementos relacionados à tradição, ao *modus vivendi* e à historicidade do contexto social são considerados para desenvolver a hermenêutica filosófica do autor.

A preeminência do sujeito, considerado como uma instância absoluta que governa o ato de interpretar e compreender, uma ideia amplamente louvada na filosofia moderna, está sendo questionada à medida que revela sua imersão no horizonte de uma tradição, muitas vezes menos consciente do que se presume, que influencia o sujeito durante o processo interpretativo. Assim, a fórmula aparentemente simples anunciada no título, *Verdade Método*, que poderia sugerir que o autor está delineando um método para atingir a verdade com segurança, revela-se muito mais complexa do que inicialmente se percebe.

Pois o título do livro de Gadamer é irônico: o método não é o caminho para a verdade. Pelo contrário, a verdade zomba do homem metódico. A compreensão não se concebe como um processo subjectivo do homem face a um objecto mas sim como o modo de ser do próprio homem; a hermenêutica não se define enquanto disciplina geral, enquanto auxiliar das humanidades, mas sim como tentativa filosófica que avalia a compreensão como processo ontológico – o processo ontológico – do homem. O resultado destas interpretações é um tipo diferente de teoria hermenêutica, a hermenêutica “filosófica” de Gadamer (PALMER, 1999, p.168).

O que está em jogo para Gadamer é algo mais profundo do que erigir regras para aperfeiçoar as técnicas de interpretação. Qualificar a hermenêutica como filosófica significa, antes, desamarrarse da morfologia do método, despontando, inevitavelmente, para uma pretensão de universalidade. Ou seja, em cada ato da existência humana, seja nas atividades cotidianas ou nos esforços para compreender e formular teorias, uma extensa tradição influencia, transmitida através da linguagem. Somos herdeiros dessa tradição e, gostemos ou não, confrontamo-nos com um conjunto abrangente de pré-concepções que antecedem qualquer análise que possamos empreender. Gadamer é um filósofo que apoia a tradição, cujo contorno construtivo se perfaz no social, no coletivo (num sistema de pré-compreensões e compreensões), e cuja projeção atinge patamar universal.

O reconhecimento dogmático não é nada mais que atribuir à autoridade uma superioridade no conhecimento, acreditando, por conseguinte, que ela tenha razão. É nisto unicamente que ela ‘consiste’. Ela domina, portanto, porque é ‘livremente’ reconhecida. A obediência que a ouve não é cega (GADAMER, 1990, p. 244).

Não é possível simplesmente eliminar a influência atuante dessa tradição em nossa constituição como sujeitos. A abordagem que parte do sujeito, um procedimento característico das filosofias modernas, conhecidas por isso como filosofias do sujeito ou da consciência, é algo que essa hermenêutica filosófica busca transcender. Conforme observado, trata-se de uma crítica severa de Gadamer às teorias filosóficas do sujeito, pois essas teorias negligenciam a contribuição histórica dos conceitos e o desdobramento da linguagem como fatores essenciais para a construção da razão do "Ser" em si mesmo.

Diante dessa provocativa, Gadamer, destaca que a autoridade possui um papel importante nesta realidade. Para ele a autoridade não deve ser entendida apenas como uma imposição externa de poder, mas como uma expressão de uma tradição viva que encontra ressonância no diálogo entre o passado e o presente. Para Gadamer, a autoridade está presente nas obras literárias, na filosofia e nas tradições culturais, exercendo influência na interpretação e compreensão do mundo. Ele

ênfatiza a importância de se reconhecer a autoridade da tradição para um diálogo autêntico, no qual o intérprete não apenas se submete passivamente, mas ativamente se envolve na fusão de horizontes, contribuindo para a evolução do entendimento humano. Assim, a autoridade em Gadamer transcende a noção simplista de domínio, tornando-se um elemento vital na construção coletiva do significado.

Na verdade, a autoridade é, em primeiro lugar, um atributo de pessoas. Mas a autoridade das pessoas não tem seu fundamento último num ato de submissão e de abdicação da razão, mas num ato de reconhecimento e de conhecimento: reconhece-se que o outro está acima de nós em juízo e perspectiva e que, por consequência, seu juízo precede, ou seja, tem primazia em relação ao nosso próprio. Junto a isso dá-se que a autoridade não se outorga, adquire-se, e tem de ser adquirida se a ela se quer apelar (GADAMER, p. 419).

Ou seja, neste sentido retamente entendido de autoridade não tem nada a ver com obediência cega de comando. Na realidade, autoridade não tem nada a ver com obediência, mas com conhecimento. Seu verdadeiro fundamento é, também aqui, um ato da liberdade e da razão, que concede autoridade ao superior basicamente porque possui uma visão mais ampla ou é mais consagrado, ou seja, porque sabe melhor. É assim que o reconhecimento da autoridade está sempre ligado, à idéia de que o que a autoridade diz não é uma arbitrariedade irracional, mas algo que pode ser inspecionado principalmente. É nisso que consiste a essência da autoridade que exige o educador, o superior, o especialista. Sem dúvida que os preconceitos que implantam encontram-se legitimados pela pessoa. Sua validade requer predisposição para com a pessoa que os representa.

Parece-me, no entanto, que entre a tradição e a razão não existe nenhuma oposição que seja assim tão incondicional. Por mais problemática que seja a restauração consciente de tradições ou a criação consciente de tradições novas, a fé romântica nas "tradições que vingaram", ante as quais deveria silenciar toda a razão, é igualmente preconceituosa e, no fundo, de certo esclarecedor (GADAMER, p. 422).

Na verdade, a tradição é sempre um período de liberdade e de história. Além disso, a tradição mais genuína e venerável não ocorre espontaneamente, devido à natureza permanente das características únicas da tradição, mas deve ser reconhecida, assumida e cultivada. A tradição é principalmente uma forma de conservação, por isso está sempre envolvida nos acontecimentos históricos. Porém, a conservação é um ato da razão que também se caracteriza pela falta de atenção que recebe.

...Isso, no entanto, apenas parece ser assim. Inclusive quando a vida sofre suas transformações mais tumultuadas, como em tempos revolucionários, em meio a sua posta mudança de todas as coisas conserva-se muito mais do que era antigo do que se poderia crer, integrando-se com o novo numa nova forma de validade. Em todo caso, a conservação representa uma conduta tão livre como a destruição e a inovação. Tanto a crítica à tradição, como a sua reabilitação romântica, ficam muito aquém de seu verdadeiro ser histórico (GADAMER, p. 423).

Portanto, em relação à nossa interação com o passado, que continuamente reafirmamos, a verdadeira questão não reside no afastamento nem na liberdade em relação ao legado transmitido. Em vez disso, perpetuamente nos encontramos imersos em tradições, e nossa presença nelas não é meramente um comportamento objetivador. Assim, aquilo que a tradição enuncia não é percebido como algo estranho ou externo; pelo contrário, é sempre algo intrínseco, exemplar e imponente. Trata-se de um reconhecimento, no qual, para nosso discernimento histórico subsequente, quase não se distingue mais o conhecimento, mas sim a

transformação mais singela e inocente da tradição.

Por fim, Gadamer, Ele rebate as críticas de Habermas nestes aspectos; Primeiro é importante ressaltar que na visão de Gadamer, a crítica de Habermas não resolve o problema hermenêutico intrínseco a cada ato de compreensão. O fato de não aceitar a tradição devido à sua associação com o dogmatismo não implica necessariamente na eliminação da influência dessa tradição. Em segundo lugar, considerando que o problema hermenêutico persiste, ou seja, a tradição continua a exercer sua influência, é incontestável que cada ato de compreensão atualiza a tradição por meio de uma interpretação viva da mesma, quer se deseje ou não. Ou seja, o ato de interpretar não é assim uma mera reprodução exata e fiel de uma tradição imposta como autoridade. Ao longo da história, é possível observar as mudanças, reinterpretações e transformações da tradição em virtude de cada atualização incorporar em si uma relação potencialmente crítica e reflexiva com o conjunto de concepções que a precede. Gadamer assim escreve:

“Minha tese é de que – e penso que ela seja a consequência necessária do reconhecimento de nosso condicionamento históricoefetual e de nossa finitude a hermenêutica nos ensina a perceber o dogmatismo presente na contradição entre a tradição viva e “natural” e a apropriação reflexiva da mesma”. (GADAMER, 2002, p.280). A consciência da história efetual está relacionada com a consciência da situação hermenêutica. “Quando procuramos compreender um fenômeno histórico a partir da distância histórica que determina nossa situação hermenêutica como um todo, encontramos sempre sob os efeitos dessa história efetual” (GADAMER, 2002, 449).

Nesse sentido, Gadamer não refuta a crítica feita por Habermas. O filósofo, de maneira enfática, busca afirmar em sua perspectiva teórica a presença da reflexão crítica que Habermas aponta como ausente. A resposta de Habermas, por sua vez, evidenciará que a ênfase de uma teoria pode tanto repousar no aspecto que determina o ato de compreensão quanto na apropriação reflexiva daquilo que nos influencia, ou seja, a tradição. Inegavelmente, a hermenêutica filosófica claramente opta pela primeira abordagem. A separação entre tradição e autonomia é, na realidade, mais hipotética do que real ou efetiva, sendo sua aparência muito mais destacada do que sua substância. A ideia de considerá-las em conjunto se mostra mais palpável e até mesmo produtiva. Separá-las em campos hermenêuticos distintos é disfuncional, uma vez que, invariavelmente, acabam por se complementar. A tradição é uma ideologia intrinsecamente ligada à historicidade, pois se formula através do processo histórico, sendo concebida materialmente.

METODOLOGIA

A presente pesquisa pretende compreender e refletir sobre o conceito de Tradição e Razão na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer. No presente trabalho, é realizado uma pesquisa qualitativa, na qual busca explicações e representações para justificar tal máxima. Trata-se de estabelecer relações deste conceito com a busca da compreensão do pensamento do Romantismo e Iluminismo acerca de sua crítica a Razão e Tradição e a bordaremos também a crítica de Jürgen Habermas ao pensamento de Gadamer, sobre a tradição.

O intuito é mostrar a centralidade que adquire o conceito de tradição junto a razão e como eles são pensados na sua relação com a historicidade do círculo da compreensão. Será realizado um levantamento bibliográfico sobre o papel da Tradição e Razão no pensamento de Gadamer, uma vez que seu pensamento apresenta através de sua hermenêutica, conceitos que permitem compreender como estes elementos que fazem parte da historicidade podem e andam entrelaçadas, embora alguma outra

linha de pensamento tentara provar o contrário ou propor a superioridade de uma sobre a outra.

Em nossa análise, apresentaremos estudos baseados na obra de verdade e método de Gadamer que ilustram como as ideias dele pode ser aplicada na interpretação de obras literárias e filosóficas dos períodos iluminista e romântico e sobretudo demonstrando ao seu pensar que não há separação entre razão e tradição. Por fim examinamos como as críticas de Habermas ressoam na interpretação dessas obras, bem como as respostas de Gadamer a essas críticas. Este trabalho contribui para uma compreensão mais rica da relação entre razão e tradição, enriquecendo o debate filosófico contemporâneo com as perspectivas de Gadamer, ao mesmo tempo que reconhece os desafios levantados por Habermas. Ao equilibrar a hermenêutica gadameriana com o contexto iluminista, romântico e as críticas de Habermas, este trabalho oferece uma visão abrangente da complexa interação entre razão, tradição e interpretação.

Numa primeira aproximação, se pode responder que o conceito de tradição bem como a razão pode ser considerado algumas das questões centrais no texto do livro *Verdade e Método I*. E ainda se pode questionar por que esse conceito é importante? Porque nos permite acessar os horizontes desvelados pelo pensamento filosófico a partir da leitura e interpretação de textos. A questão da reabilitação da tradição, e não do tradicionalismo, enquanto fundamental para o compreender, é o que está em questão nesta pesquisa.

Um dos problemas a ser analisado é se existe incompatibilidade entre razão e tradição, e se não existe, de que forma ocorre a tentativa de resgatar o valor da tradição como algo fundamental para a compreensão de como se dá o processo do entendimento humano. A reabilitação da tradição para Gadamer é a tentativa de resgatar o valor dela para todo processo de compreensão e que, por esta razão, é necessário criticar o Iluminismo como aquele que opõe razão e tradição. A presente pesquisa se desenvolve em quatro tópicos. Em primeiro; Razão e Tradição na visão iluminista, em segundo; Razão e Tradição na visão romântica. Em terceiro; Tentativa de síntese de Gadamer. e em quarto; Crítica de Habermas a Gadamer.

Por fim, a centralidade desta pesquisa está enraizada a partir do livro *Verdade e Método I* de Gadamer, e do texto *Compreender Gadamer* de Chris Lawn. Bem como outros textos e artigos relacionados ao tema abordado. A interpretativa é que a tradição em Gadamer constitui um elemento essencial para a fundamentação de sua ontologia hermenêutica. Além disso, se torna evidente que não é possível entender a própria racionalidade humana isolada da tradição na qual ela está inserida, e que assim sendo, determina historicamente seu modo de acesso ao mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fica constatado que a filosofia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer destaca a importância da tradição e da razão na compreensão do conhecimento e da experiência humana. Gadamer argumenta que a tradição não é algo a ser superado, mas sim um componente vital na formação de nossa compreensão. Ele sugere que a tradição não é uma prisão, mas um diálogo contínuo entre o passado e o presente. Ao interagir com a tradição, ganhamos uma perspectiva mais rica e contextualizada, permitindo-nos compreender mais plenamente os desafios e questões contemporâneas.

Por outro lado, Gadamer enfatiza a importância da razão não como uma ferramenta objetiva e universal, mas como algo moldado por nossa história e tradição. A razão não está separada da experiência; ela é informada por nossas experiências passadas e pela herança cultural que recebemos. Assim, a razão é mais do que um processo

lógico; é uma atividade interpretativa que se desenvolve através da interação com a tradição. Em conjunto, tradição e razão proporcionam uma base sólida para o entendimento humano, mostrando que nossa compreensão do mundo é construída através de um diálogo contínuo entre o passado e o presente, entre a tradição que herdamos e a razão que aplicamos à nossa experiência. Como bem afirma LAWN:

[...] Ignorar a tradição como um oposto da razão é ignorar que a razão pode, em si, ser uma característica da tradição. A ideia de transformar a tradição em objeto de investigação sugere, erroneamente, que existe um espaço conceitual e crítico a ser encontrado fora da tradição, um ponto arquimediano a partir do qual acessamos a racionalidade das atividades tradicionais (LAWN, p. 55).

Em suma, a interação dinâmica entre razão e tradição é uma característica fundamental do pensamento de Gadamer. Ele nos lembra que a razão isolada é limitada, enquanto a tradição sem uma abertura à razão se torna estagnada. A síntese entre esses elementos cria um terreno fértil para o enriquecimento intelectual e a compreensão mais profunda da realidade.

No contexto hermenêutico gadameriano, a razão e a tradição convergem para formar uma sinfonia de significados que molda nossa compreensão do passado, presente e futuro. Sem dúvida, não conseguimos escapar da tradição, pois estamos irremediavelmente inseridos nela. E por encontramos-nos sempre inseridos na tradição, temos que considerar que somos sempre o produto e herdeiros dessa tradição. É preciso ter consciência de que a tradição não é uma “prisão” e que a mesma não nos afasta, ou torna inútil a razão. Ou seja, como nos diria o próprio Gadamer: “No sentido de reconhecer que, ao lado dos fundamentos da razão, a tradição conserva algum direito e determina amplamente nossas instituições e comportamentos”. (GADAMER, p. 372). “A tradição é essencialmente conservação, e como tal, sempre está atuante nas mudanças históricas” (GADAMER, p. 373.), assim sendo, a tradição se constitui e modifica historicamente.

Por fim, embora possam inicialmente parecer conceitos antagônicos, a síntese equilibrada entre Tradição e Razão pode resultar em sociedades mais resilientes, capazes de honrar o passado enquanto se adaptam e evoluem diante dos desafios contemporâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como percebemos, para o Iluminismo, a Razão e a Tradição estavam frequentemente em conflito. A razão sendo vista como a força propulsora do progresso e da emancipação, enquanto a Tradição, quando não submetida ao escrutínio crítico, representava um obstáculo ao desenvolvimento humano e social. Já no contexto do Romantismo, a relação entre Tradição e Razão era marcada por uma valorização da Tradição como uma expressão autêntica da experiência humana, enquanto a Razão era vista com um olhar mais crítico, mas ainda reconhecendo sua importância dentro de uma abordagem mais ampla e intuitiva da vida. No final das contas, a crítica romântica à razão estava intrinsecamente ligada à busca por uma compreensão mais abrangente e valorizadora da condição humana na sua historicidade, em contraposição à abordagem analítica e reducionista associada ao pensamento iluminista.

Todavia, a obra de Hans Georg Gadamer oferece uma perspectiva única sobre a interação entre Tradição e Razão, delineando uma abordagem hermenêutica que vai além de dicotomias simplistas. Gadamer acreditava que a compreensão humana está essencialmente enraizada na tradição, enfatizando a importância do diálogo entre perspectivas culturais para uma interpretação autêntica. Vendo a Tradição não como um fardo a ser superado, mas como um meio de desenvolver a compreensão, Gadamer desafiou a ideia de que a Razão é guiada exclusivamente por uma ruptura

com o passado. Pelo contrário, enfatiza uma fusão dinâmica entre tradição e razão, onde a interpretação é um diálogo contínuo que molda o presente e o futuro.

Diante da postura defensiva de Gadamer da junção de Tradição e Razão, a crítica de Habermas a Gadamer se concentra na preocupação de que a ênfase de Gadamer na Tradição e na fusão de horizontes possa levar a uma forma de conservadorismo que limita a capacidade de crítica racional e transformação social. Enquanto Gadamer valoriza a tradição como um componente essencial da compreensão, Habermas destaca a importância da crítica racional e do diálogo para evitar o fechamento epistêmico e a continuidade de repressões carregadas pela tradição.

Por fim, Gadamer enfatizou a importância da pré-compreensão na interpretação, reconhecendo que as nossas perspectivas são moldadas por uma série de influências culturais e históricas. No entanto, ele também enfatizou a capacidade da razão de transcender as suas limitações iniciais através do diálogo crítico com a tradição. Neste sentido, a tradição não é um obstáculo à razão, mas um ponto de partida que desafia constantemente a alma a renovar-se. Em suma, a obra de Gadamer propõe uma visão abrangente da Tradição e da Razão, na qual a hermenêutica se revela como um diálogo contínuo e uma atividade interpretativa. A sua abordagem desafia noções simplificadas, convidando-nos a reconhecer a complexidade da interação entre tradição e razão na busca incessante de uma compreensão mais profunda e significativa. Aquilo que é conservado pela tradição, já que nem tudo é conservado, é conservado racionalmente, existe uma racionalidade na conservação. Ou seja, a racionalidade não está só na crítica, na destruição, mas também na conservação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERLIN Isaiah, **As raízes do Romantismo**. 1997, P.166. Fósforo Editora, primeira edição. 18 fevereiro 202.

CARPEAUX, O. M. **Prosa e Ficção do Romantismo**. In: GUINSBURG, J. (Org.). O Romantismo. São Paulo: Perspectiva, 1985.

CAEIRO, Olivio. **Oito séculos de poesia alemã**. Campinas: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967, p.222.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**, p. 360. **Verdade e Método I**. Trad. Flávio Paulo Meurer. Vozes, Petrópolis, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método: traços fundamentais para uma hermenêutica filosófica**. (Trad: Flávio Paulo Meurer) 3.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método II: complementos e índice**. (Trad: Enio Paulo Giachini). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GUINSBURG, J. **Romantismo, Historicismo e História**. In: GUINSBURG, J. (Org.). O Romantismo. São Paulo: Perspectiva, 1985.

GRANGER, Giles Gaston. **O Irracional**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **Crise da Razão**. In Chauí Marilena, Évora Fátima (org.). Figuras do Racionalismo. Campinas: Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, 1999.

GRANGER, G. G. **Imaginação poética, imaginação científica**. Discurso. n. 29, p. 12, São Paulo: Discurso Editorial, 1985.

HAUSER, A. **História social da arte e da literatura**. Tradução A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HAGINO, Córa Hisae Monteiro da Silva. **Democracia e participação no espaço público: uma análise da teoria de Habermas sobre o Conselho Municipal de Política urbana de Niterói e as conferências das cidades**. XVII Encontro Preparatório para o Congresso Nacional do CONPEDI - Salvador, 2008, Salvador, BA. Anais eletrônicos do XVII Congresso Brasileiro do CONPEDI. Disponível em: Acesso em 25 jan. 2013. p. 2539.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HABERMAS, J. **Sobre a relação entre ideologia e significatividade linguística**, cf. Bakhtin, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

HAUSER, A. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 673-674).

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1996, p. 20, Verbetete Aufklärung.

KANT, Immanuel. “**Resposta a pergunta:** O que é esclarecimento (Aufklärung)?”. Em: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. Arthur Mourão. Edições 70, Lisboa, 1995, p. 11.

LAWN, Chris. **Compreender Gadamer**, p. 55. *Compreender Gadamer*. Trad. Hélio Magri Filho. Vozes, Petrópolis, 2011, p. 49.

MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. **O século XVIII**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. v. 1.

STEIN, Ernildo Jacob. Artigo, **Da fenomenologia hermenêutica à hermenêutica filosófica**, julho de 2011, p.19. file:///C:/Users/JOAOP/Downloads/nicole-avancini,+Gerente+da+revista,+17209-62815-1- CE%20(3).pdf

ABREU-BERNARDES, S. T. *Revista Profissão Docente*, Uberaba, v.19, n.42, p. 01-20, set.- dez. 2019. Disponível em:

<https://revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1274/1444> Acesso em: 15 jun. 2021. "Romantismo e Classicismo" Anatol Rosenfeld e J. Guinsburg in GUINSBURG, J

VIZZIOLI, P. **O Sentimento e a razão nas poéticas e na poesia do Romantismo**. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 137-156.

MATOS, Olgária. **A Polifonia da Razão**. filosofia e educação. São Paulo: Scipione, 19.

